

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Filipa Ferreira Valente

**A Educação Multicultural no Jardim de Infância: contributos do projeto
viajar pelo Portugal dos Pequenitos**

Relatório Final em Educação Pré- Escolar, apresentado ao Departamento de
Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do
grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professora Doutora Vera do Vale

Arguente: Professora Doutora Joana Chélinho

Orientador: Professora Doutora Madalena Batista

Julho, 2019

Agradecimentos

“Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós deixam um pouco de si levam um pouco de nós.”

O Príncipezinho

Este foi um percurso intenso e árduo, e felizmente muitas foram as pessoas, que ao longo do mesmo, o tornaram possível. Quero por isso agradecer de forma especial aos que estiveram sempre comigo nesta caminhada e contribuíram para um percurso de sucesso.

Aos meus pais e ao meu irmão, que tornaram tudo isto possível, obrigado pela educação, pelo esforço e apoio incondicional ao longo de todo este percurso académico.

À minha avó e ao marido, pelos valores que me transmitiu e por sempre acreditar que era possível.

Ao Diogo, o meu futuro marido, por todo o esforço, amor, paciência e companheirismo, as tuas palavras de encorajamento e motivação foram essenciais para ir até ao fim.

À minha família de coração, à Ana, ao Sérgio, ao Tiago que tanto me animou com os seus vídeos e ao bebé Pedro, por serem o conforto que precisei, e aqueles que partilharam comigo momentos que levo comigo para sempre.

Às minhas amigas Mariana e Rosália, pelo amor incondicional, por serem autênticas irmãs mais novas e por me apoiarem em tudo mesmo que isso implicasse deixar as suas coisas para trás.

Ao meu Jorge, o meu eterno companheiro do 7º esquerdo, pela paciência, carinho e partilha do dia-a-dia, foste essencial.

À Laura que se revelou uma amiga e companheira de todas as horas, sobretudo das mais difíceis, um obrigado enorme pela ajuda nos momentos mais difíceis e pelas partilhas constantes, tornaste este trabalho um bocadinho teu também.

À minha colega Ana Catarina pelas aprendizagens, pela entreaajuda e pela cooperação.

O meu agradecimento à Bárbara pela sua disponibilidade em me ajudar com o inglês, demonstrando que só faz sentido quando “somos uns para os outros”.

À Professora Doutora Madalena Batista, pelo profissionalismo, pela motivação, pelos ensinamentos e contribuições que ajudaram a enriquecer este trabalho.

Às Professoras Vera do Vale, Ana Coelho e Joana Chélinho pelas constantes partilhas e ensinamentos.

A São Tomé, às pessoas incríveis que se cruzaram comigo, obrigado pelo “abre-olhos” que me proporcionaram ao longo do incrível mês que passei convosco.

Ao meu Zé, aquele ser pequenino, que se tornou tantas vezes o conforto, o abraço e o carinho que eu tanto precisava nos momentos mais difíceis.

Aos meus meninos, que me acolheram de braços abertos, que colaboraram sempre comigo, que mostraram sempre empenho e dedicação e que me ensinaram a ser uma melhor pessoa e consequentemente uma melhor profissional.

Ao meu anjo da guarda, a minha Letícia, obrigado por estares aí em cima a cuidar de mim.

A todas as pessoas, que passaram pela minha vida, e que de certa forma colaboraram na construção daquilo que eu sou, sem dúvida que contribuíram ainda que de forma inconsciente para a construção deste importante trabalho.

A todos vós, e aos que eu não enumerei, mas que fazem sem dúvida parte da minha vida e que contribuem para a pessoa que sou hoje.

“A gratidão é a memória do coração.”

Antístenes

“Educar é libertar, construir homens livres e responsáveis. A educação é relação, diálogo entre pessoas que crescem simultaneamente. A educação é abertura ao compromisso proporcional à idade e cultura das pessoas.”

(Ministério da Educação, 1993, p. 11)

A Educação Multicultural no Jardim de Infância: contributos do projeto viajar pelo Portugal dos Pequenitos

Resumo:

O presente documento tem como principal objetivo descrever o trabalho desenvolvido no estágio realizado no primeiro ano do mestrado em educação pré-escolar e refletir em torno de um projeto denominado: viajar pelo Portugal dos Pequenitos, onde foram implementados dois projetos, um sobre São Tomé e outro sobre a Índia.

A opção pela temática da multiculturalidade teve como finalidade alertar para a importância da multiculturalidade pois, apesar de este ser um tema atual, nem sempre é devidamente valorizado pelos profissionais da educação de infância. Por isso, e de certa forma, através da prática desenvolvida quisemos passar a mensagem de que é possível abordar este aspeto no jardim-de-infância, bem como dar a conhecer qual o papel do educador de infância relativamente à educação multicultural. Consideramos fundamental sensibilizar as crianças para outras culturas, para a multiculturalidade, e evidenciar que é primordial que cada um de nós tenha sempre em mente a inclusão de qualquer criança na sua sala de jardim-de-infância, independentemente da sua cultura.

Concluimos que o uso da metodologia do trabalho por projetos é um caminho com enormes potencialidades numa abordagem multicultural, permitindo-nos viajar, sem sair fisicamente do lugar, para outras culturas, conhecer, compreender, dialogar, aceitar e re-elaborar modelos culturais pouco conhecidos ou préconcebidos.

Palavras-chave: Multiculturalidade, interculturalidade, pré-escolar, cultura

Multicultural Education at Pre- School: results from the project “travelling through children´s Portugal

Summary:

This document aims to describe the work I developed in an internship, which takes part in the first year of the master degree in pre-school education. It also aims to bring up to discussion a project called “Multicultural Education in the Kindergarten: results from the project “travelling through Portugal of children”, in which two other smaller projects were implemented: one related to São Tomé and Príncipe and one related to India.

Choosing to work on the multiculturalism topic was a decision based on the current relevance of the topic. Even so, such isn't as valued as it should by kindergarten teachers, so more than ever, it was essential to develop multiculturalism with children in the preschool environment. Our approach intended to portrait that it is possible and essential to develop this topic with children, and to enhance the relevant impact a kindergarten teacher may have into educating a child within multiculturalism topics.

We believe it is essential to raise awareness to other cultures and multiculturalism, and even more relevant to enhance the topic of inclusion to children within their social interactions with peers in the room, no matter the background culture of each child. We concluded that using a methodology based on projects is a path with major potentials for a multiculturalism approach, allowing children to travel - without physically leaving the place to different cultures, getting to understand, to experience, to dialogue, to accept and to re-elaborate cultural models which are poorly understood or pre-conceived.

Keywords: Multiculturalism; interculturalism, pre-school, culture

Índice

INTRODUÇÃO	1
PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
PONTO 1 –MULTICULTURALIDADE E INTERCULTURALIDADE NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	8
1.1 - Os Conceitos de Multiculturalidade e Interculturalidade	10
1.2 - A Educação Multicultural	13
1.3 – O Papel do Educador de Infância no Âmbito da Educação Multicultural	17
1.4 – O Trabalho por Projeto no Jardim de Infância e a Educação Multicultural	21
PARTE 2 – ENQUADRAMENTO DA COMPONENTE PRÁTICA: PROJETO VIAJAR PELO PORTUGAL DOS PEQUENITOS	27
PONTO 2 – CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO ONDE O PROJETO FOI IMPLEMENTADO	29
2. O jardim de Infância: aspetos organizacionais e opções metodológicas	31
3. O Grupo de Crianças	35
PONTO 3 - O PROJETO “VIAJAR PELO PORTUGAL DOS PEQUENITOS”	37
Motivações para o projeto	39
Fase I: Definição do Problema	40
3.1. Mini projeto sobre São Tomé	42
3.2. O mini projeto sobre a Índia	54
REFLEXÃO FINAL	60
BIBLIOGRAFIA	62
ANEXOS	66
Anexo 1: Letra da Música “Bomu Kêlê” dos Calema	67
Anexo 2: Resumo da lenda	68

Índice de Figuras:

Figura 1:Audição e visualização do vídeoclip da música"Bômu Kele" dos Calema	43
Figura 2: Aspetos que as crianças inicialmente queriam abordar/pesquisar.....	44
Figura 3: Aspetos adicionais que as crianças quiseram abordar/pesquisar	45
Figura 4: Viagem de foguetão até ao pavilhão de São Tomé	46
Figura 5:Visualização do filme sobre São Tomé.....	477
Figura 6:Exposição de artesanato e gastronomia.....	Erro! Marcador não definido.
Figura 7: Gastronomia Santomense	Erro! Marcador não definido.
Figura 8: Degustação	Erro! Marcador não definido.
Figura 9: Instrumentos musicais	Erro! Marcador não definido.
Figura 10: Exploração dos instrumentos musicais.....	Erro! Marcador não definido.
Figura 11: Pintura do íman.....	Erro! Marcador não definido.2
Figura 12: Entrega do íman e do postal.....	52
Figura 13: Decoração pavilhão da Índia.....	566
Figura 14: Realização de colagem	57
Figura 15: Coreografia Bolliwood	58

“As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos”.

(Paulo Beleki)

INTRODUÇÃO

Introdução

O presente relatório finaliza o meu processo formativo para obtenção do grau de mestre em Educação pré-escolar e centra-se na descrição da implementação de dois mini projetos sobre culturas diferentes da Portuguesa, bem como uma reflexão acerca dos mesmos.

Nas últimas décadas, Portugal, tem sido um dos países da Europa que se tornou um país de imigração. São várias as vagas de imigrantes que têm chegado à União Europeia; dos países emigrantes, e Portugal tem sido um dos países que se tem vindo a tornar terra de acolhimento de várias pessoas e conseqüentemente de várias culturas.

Deste modo, o tema escolhido está relacionado com a multiculturalidade e algumas das possíveis abordagens em Jardim de Infância. Este é um tema com imensas potencialidades de exploração, sendo extremamente importante que as crianças tenham contato com diferentes culturas, uma vez que atualmente, esta é uma realidade cada vez mais presente nos jardins-de-infância. Para além disso, a intensa globalização, levou a uma acentuada diversificação de minorias étnicas e culturais, alterando de certa forma a sociedade em que vivemos.

Assim, é notório o aumento de crianças de várias nacionalidades nos nossos jardins-de-infância, sendo fundamental que os profissionais da educação, sobretudo os educadores ganhem consciência de que este é um dos espaços privilegiados de socialização de crianças. Neste espaço, onde se misturam culturas, podemos “criar novas culturas”, onde todos são respeitados, onde cada cultura ocupa o seu espaço e fundamentalmente onde existe consciencialização dos direitos humanos.

Desde cedo devem ser proporcionados momentos de integração cultural e social, trabalhando numa educação multicultural de qualidade. Pensar em educação multicultural, é repensar a nossa “imagem de sociedade”, e ser capaz de mudar as nossas mentalidades e das crianças com que trabalhamos, fazendo deles agentes de mudança.

Segundo Goldschmied e Jackson (2006), uma sociedade julga-se pela sua atitude para com os mais novos, não só ... pelo que se diz sobre eles mas, também pelo modo

como esta atitude é expressa naquilo que se lhes oferece à medida que crescem (Fernandes & Aroso, 2009).

A verdade é que o Estado Português tem publicado várias leis relacionadas com a questão da diversidade cultural que têm como objetivo pôr em prática políticas educativas multiculturais .

Mais do que integrar as crianças, é preciso não as privar da sua identidade, ou seja, é fundamental integrá-las no país de acolhimento, mas sem que isso as obrigue a esquecer as suas origens. O papel do jardim-de-infância, e dos educadores é o de reconhecer e respeitar as necessidades individuais de cada criança, em função de cada cultura.

Só é possível desempenhar de forma adequada o papel do educador, se formos capazes de acompanhar as transformações existentes na sociedade, atualizando-nos de forma constante sobre essas mesmas transformações.

É por isso que, enquanto futura educadora, e com a realização deste trabalho pretendo consciencializar os profissionais da educação, sejam eles educadores ou não, a adotarem uma atitude de abertura em relação às novas culturas, valorizando as diferenças culturais e assumindo que as mesmas são um fator de enriquecimento para as crianças, futuros adultos tolerantes, respeitadores e conhecedores das diferentes culturas. Defendemos pois *“o desenvolvimento pessoal e social enquanto área integradora do processo educativo e que tem a ver com a forma como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, num processo que implica o desenvolvimento de atitudes e valores, atravessando as áreas de expressão e comunicação e de conhecimento do mundo.”* (P. Santos et al., 2011, p. 49)

O trabalho realizado é constituído por duas partes, sendo a primeira composta pelo enquadramento teórico, onde se pode encontrar informação relativa à multiculturalidade e interculturalidade ao nível do contexto da educação pré- escolar, do papel do educador de infância e do trabalho de projeto nesse mesmo contexto. Em relação à segunda parte, constituída pelo enquadramento da componente prática, encontrando-se nela informação relativa à caracterização do contexto onde este projeto foi implementado e a descrição do projeto “Viajar pelo Portugal dos Pequenitos”.

PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

**PONTO 1 –MULTICULTURALIDADE E INTERCULTURALIDADE NA
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

1.1 - Os Conceitos de Multiculturalidade e Interculturalidade

Para Cortesão e Pacheco (1991) a palavra multicultural é entendida como «uma constatação da presença de diferentes culturas num determinado meio de compreensão das suas especificidades», o que nos remete desde logo para as diferenças geográficas, socioeconómicas, religiosas, étnicas, linguísticas e culturais existentes no nosso país em relação ao país migratório (Matos & Brito, 2013; Souta, 1997).

Também para Santos e Nunes (2014), o conceito de multiculturalidade, designa a coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio das sociedades modernas. Através dos termos pode-se descrever as diferenças culturais num contexto transnacional e global. O termo apresenta diferentes noções, bem como, dificuldades e potencialidades do conceito de “cultura”, um conceito central das humanidades e das ciências sociais e que nas últimas décadas, se tornou terreno explícito de lutas políticas (Freitas & Ferreira, 2014).

Falar de multiculturalidade é falar de outros conceitos importantes como por exemplo o interculturalismo, no primeiro pretende-se demonstrar a existência de várias etnias, religiões e culturas, e no segundo, é a valorização, reivindicação, o respeito pelas diferenças e a aceitação de todas as culturas. Assim, *“enquanto o multiculturalismo propugna a convivência num mesmo espaço social de culturas diferentes sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença, a interculturalidade, ao pressupor como inevitável a interação entre essas culturas, propõe um projeto político que permita estabelecer um diálogo entre elas, como forma de garantir uma real convivência pacífica.”* (Lopes, 2012, p. 69).

Interculturalidade, refere-se pois ao respeito pela diversidade cultural, onde se considera fundamental haver uma convivência entre culturas porque, cada uma delas pode influenciar positivamente a outra.

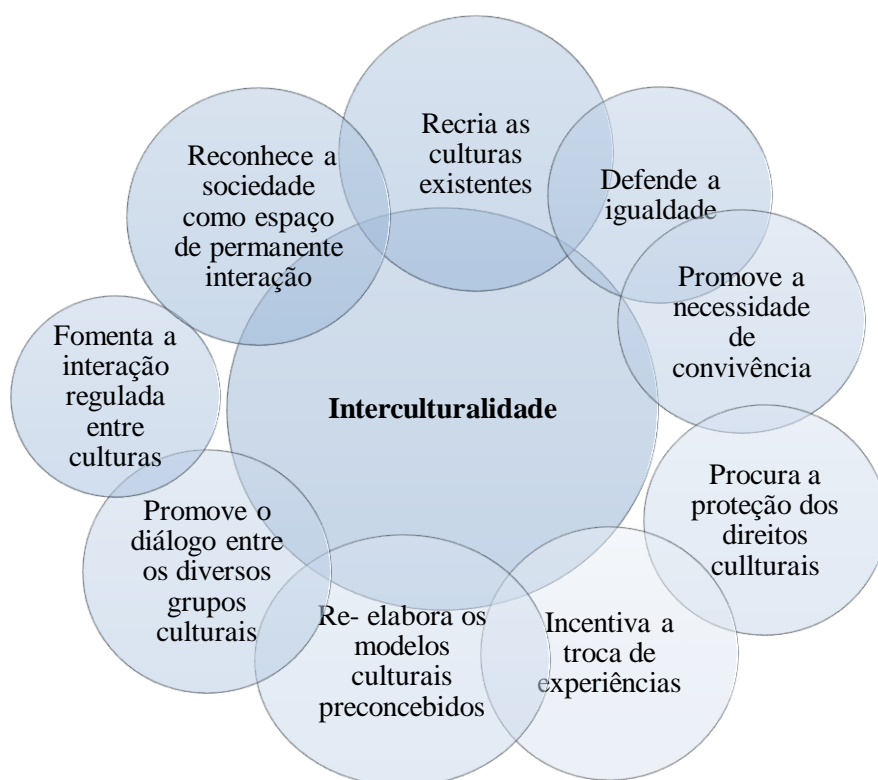
A interculturalidade é, por isso, um processo que implica interação entre os diversos grupos culturais, uma vez que as diferenças encontradas são vistas pelas comunidades socialmente diferentes como enriquecedoras “[...] compreendida como um projeto de sociedade em construção, no qual as pessoas se reconhecem a si mesmas e estabelecem o diálogo, valorizando as diferenças e os conflitos daí gerados.” (Silva & Rodriguez, 2011, cit. in Ferret, 2015, p. 11).

É sobretudo fundamental perceber que ambos os conceitos têm as suas especificidades

Mas, apesar de todas as diferenças, acreditamos que quer a multiculturalidade, quer a interculturalidade defendem que a base de uma vida em sociedade pressupõe respeito, convivência e diálogo. A diversidade cultural está presente na nossa sociedade, e deve ser abordada e prespetivada de forma a evitar conflitos.

É urgente que a diversidade seja considerada uma oportunidade de aprendizagem e enriquecimento, numa sociedade plural, capaz de partilhar tradições, apidões e saberes, sendo prioritário desenvolver políticas educacionais e sociais que evitem a exclusão e discriminação aos mais variados níveis (social, económico, cultural, religioso e educativo). Tal desafio só será ultrapassado através de um diálogo intercultural que promova a igualdade de oportunidade ao nível dos diferentes setores da sociedade integrando essa diversidade cultural,

No esquema abaixo, estão ilustrados aqueles que são os princípios subjacentes ao conceito de interculturalidade, evidenciando a questão da interação e do diálogo entre culturas.



Fonte: LOPES (2011, p. 1213)

1.2 - A Educação Multicultural

A pluralidade cultural faz-nos pensar em formas de valorizar e incorporar as diferentes identidades plurais, na sociedade, mas também e sobretudo nas práticas curriculares.

Deste modo, as OCEPE (2016) defendem que a relação entre cultura e currículo, implica uma reconstrução, uma vez que se pressupõe que as relações sociais num contexto implicam conflitos, negociações e acordos.

Quer a cultura, quer o currículo têm variados aspetos comuns tais como: prática produtiva, relação social, prática de significação, relação de poder e prática produtiva de identidades sociais. Uma vez que o currículo é a parte central da relação educativa, através do saber, poder e identidade, é precisamente através dele que as escolas se preocupam com as novas identidades culturais e com a nova realidade social multicultural (Canen & Moreira, 1999).

No que diz respeito ao multiculturalismo em educação, trata-se de contextualizar e compreender as diferenças, permitindo uma construção e interpretação claras da sociedade em que se está inserido.

A multiculturalidade é associada a uma espécie de identidade cultural individual que é construída através de diálogos coletivos e através do respeito que deve existir mesmo que existam diferenças culturais e políticas, portanto, é a existência de seres humanos com determinadas normas e hábitos culturais diversificados que coabitam dentro do mesmo espaço.

Portugal é um país de imigrantes, um país que acolhe sociedade e culturas, e nesse sentido, a educação multicultural começou a fazer parte dos nossos dias há já vários anos, com o objetivo de proporcionar uma educação mais adequada para todos.

Deste modo, *“A crescente diversidade étnica da sociedade portuguesa tem vindo a refletir-se, nos últimos anos, de modo significativo na composição demográfica, socioeconómica e cultural das escolas. Esta realidade coloca novos desafios aos diversos níveis e agentes do sistema educativo.”* (Segurado, 2013, pp. 17, 18).

A multiculturalidade está diretamente relacionada com a existência de diversas culturas num determinado espaço, sem que nenhuma delas seja predominante em relação à outra. O objetivo da educação multicultural é que sejam respeitadas de forma igual todas as culturas, conservando as características particulares de cada uma delas,

promovendo a interação e o respeito entre todos independentemente da cultura que representam, e defendendo a igualdade para todos.

De maneira a melhor podermos lidar com esta “nova” realidade Portugal tem vindo a implementar práticas de educação que preparem a sociedade a lidar com a multiculturalidade.

A educação multicultural tem como objetivo estabelecer uma relação estreita entre atitudes e valores, uma vez que ambos fazem parte do processo de socialização.

É por isso, importante educar as crianças no jardim-de-infância para a aquisição de valores antirracistas e interculturais em relação a outras pessoas e culturas diferentes, pois só assim é possível começar desde cedo a evitar a criação de estereótipos e atitudes discriminatórias em relação aos outros.

Tal como referenciado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), *“Apostar na educação como principal fator de desenvolvimento humano e social significa acreditar que não há fase da vida em que a educação não seja crucial.”* (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 4).

É fundamental que os educadores estejam alertas e que entendam que estes valores e atitudes devem ser adquiridos desde logo, pois só assim podem permanecer ao longo de toda a vida.

A educação multicultural começa com o reconhecer da diversidade cultural, e é a partir daí que se pode pensar em oferecer a todos um conjunto igual de oportunidades.

A educação multicultural é uma necessidade, uma vez que tem como objetivo ajudar as crianças de diferentes culturas a ter acesso a uma educação onde todos são iguais, e onde cada um tem uma participação ativa na educação do outro, porque existe uma partilha de culturas.

A educação multicultural consiste num conjunto de práticas que têm como objetivo dar respostas educativas à diversidade cultural existente na sociedade, e ainda incentivar e promover ações que fomentem a educação ao nível dos valores no que diz respeito à convivência, tolerância e diálogo, entre pessoas, etnias e culturas.

É importante que o educador trabalhe em parceria com as famílias, conhecendo as suas histórias, trabalhando competências em si próprio e na família, pois só assim é possível conhecer de facto as diferentes culturas e identificar possíveis problemas.

“A educação é abertura ao compromisso proporcional à idade e cultura das pessoas.” (Ministério da Educação, 1993, p. 11).

1.3 – O Papel do Educador de Infância no Âmbito da Educação Multicultural

O papel do educador é proporcionar acontecimentos e momentos em que exista uma partilha de conhecimento, valorização e respeito em relação aos vários momentos da vida da pessoa.

É importante que haja uma educação para a cidadania, através de valores e atitudes, pois é através dela que podemos viver em comunidade e com respeito pelas diferenças do outro.

O papel de um educador de infância que acredite na importância da multiculturalidade é a de proporcionar e consciencializar as famílias para a aquisição de valores e atitudes multiculturais desde tenra idade. É por isso importante que exista uma prática pedagógica, diversificada e global, e também, que vá ao encontro da aprendizagem daqueles que se consideram ser os bons valores morais.

Nesse sentido é importante que cada educador seja inter/ multicultural, estando sempre consciente do que isso implica ao longo da sua prática profissional, no que diz respeito a todos os aspetos de dimensão cultural.

“Assim, a noção do professor/educador como agente promotor de uma democracia aprofundada cujo desenvolvimento depende em grande parte (...) de uma efetiva implementação do princípio de igualdade de oportunidades para o sucesso na educação escolar, depende, por sua vez, de uma atitude e de um comportamento inter/multicultural (anti-racista e anti-sexista) pela parte dos professores. (...) Reclama-se que um princípio ético e político de justiça social deve orientar não só as práticas pedagógicas dos professores nas escolas como também a própria seleção do saber para o currículo.” (Leite & Rodrigues, 2001, cit. in Segurado, 2013, p. 20).

A educação intercultural permite que as crianças sejam educadas para conhecerem e respeitarem não só a sua própria cultura, mas também para conhecerem e respeitarem as culturas diferentes da sua. Isto só é possível se existir um intercâmbio entre pessoas, e por consequência entre culturas.

O educador deve focar-se na construção de normas e linguagens comuns para todos, de maneira a que os “grupos minoritários” possam comunicar de forma a afirmarem-se como grupos culturais. É importante que este seja capaz de potencializar um ambiente educativo aberto à inclusão e à diferença, para que a educação possa cada vez mais ser um reflexo da sociedade.

É por isso impossível trabalhar de forma correta o desenvolvimento do ser humano, sem que exista uma consciencialização do Outro e da própria sociedade. A interação com os outros permite que sejamos seres melhores, partes de uma sociedade multicultural, onde o conhecimento, experiência e a interação são indissociáveis.

É fundamental a formação de educadores em relação à educação multicultural. Aquilo que distingue um educador monocultural de um educador inter/ multicultural é que este último é capaz de reconhecer as diferenças culturais e aceitá-las. Mais do que reconhecer a existência de diversas culturas é fundamental conhecê-las, e sobretudo trabalhar sobre elas e promover o diálogo, pois só assim é possível evoluir os seus conhecimentos e transmiti-los às crianças.

O essencial é que o educador tenha sempre em conta o bem-estar de todas as crianças, com o objetivo de integrar cada uma delas, independentemente da sua cultura. Por isso, o papel do educador é também fazer com que as crianças reconheçam a diversidade como positiva, uma vez que através dela podemos conhecer não só cada criança, mas também a sua cultura.

Se o educador trabalhar os diversos aspetos relacionados com a multiculturalidade ao nível do jardim de infância, será certamente mais fácil fomentar a igualdade, minimizando assim as diferenças culturais existentes. É urgente criar cidadãos predispostos a usufruir da complementaridade entre pessoas e culturas, pois só assim é possível trabalhar na construção de uma sociedade igualitária, onde todos são iguais em direitos e deveres.

É, portanto, fundamental que desde logo, no jardim-de-infância as crianças sejam preparadas para reconhecer as diferenças culturais, bem como para respeitar atitudes e comportamentos diferentes dos seus.

Este é um trabalho que exige muito do educador, uma vez que é preciso que este tenha uma visão bem formada das diferentes culturas. Se o educador agir de forma

correta em relação a estas diferenças multiculturais é natural que a criança tenha tendência para o imitar.

É elementar trabalhar na implementação de políticas interculturais, que promovam a inclusão e sobretudo, trabalhar um currículo em que a promoção das várias culturas esteja presente e seja um fator enriquecedor.

Assim, nas OCEPE (2016) podemos ler o seguinte parágrafo:

“Todas as crianças, independentemente da sua nacionalidade, língua materna, cultura, religião, etnia, orientação sexual de membro da família, das suas diferenças a nível cognitivo, motor ou sensorial, etc., participam na vida do grupo, sendo a diversidade encarada como um meio privilegiado para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de cada criança.” (Silva et al., 2016, p. 10).

Assim, *“A escola tem que ser local, como ponto de partida, mas internacional e intercultural, como ponto de chegada.”* (Romani, 2004, cit. in Rodrigues, 2013, p. 14).

Para promover um ambiente adequado a desenvolver qualquer tipo de trabalho com crianças é fundamental proporcionar o bem estar da criança, promovendo o seu desenvolvimento, num clima de segurança quer física, quer afetiva, onde o atendimento individual, o respeito pelos seus interesses, pelo seu ritmo, e pelas suas necessidades, bem como a partilha de experiências são a base para o trabalho desenvolvido.

É fundamental que a família tenha uma participação ativa em todos os trabalhos desenvolvidos com as crianças de maneira a poder dar “continuidade” ao trabalho desenvolvido. A família deve ser o primeiro parceiro do educador e vice-versa, uma vez que quando os cuidados e as responsabilidades são partilhadas alcançamos uma melhor qualidade educativa.

Sem esquecer que é fundamental a cooperação e a reflexão por parte do educador em qualquer trabalho que desenvolva, faz-se uma lista de oito princípios inclusivos que o educador pode e deve usar na promoção da educação multicultural no Jardim de Infância:

- Integrar todas as famílias, independentemente da sua cultura;
- Incentivar a participação das famílias e da comunidade;

- Promover o intercâmbio de gerações;
- Estimular a partilha de saberes;
- Respeitar a diferença;
- Desenvolver um sentimento de pertença;
- Fomentar interações positivas;
- Favorecer um ambiente de qualidade.

O principal objetivo dos educadores deve ser sempre o de proporcionar as melhores condições para que as crianças se possam desenvolver da forma mais completa possível.

Atendendo a que, *“A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.”* (Costa, 2016, p. 5).

1.4 – O Trabalho por Projeto no Jardim de Infância e a Educação Multicultural

O trabalho por projeto antecipa, desenvolve e estimula os processos de aprendizagem e de construção do conhecimento da criança.

Este tipo de abordagem pedagógica centra-se numa problemática, num estudo sobre um determinado tema ou segundo Leite, Malpique e Santos (1989) “*uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados*”, sendo que esta última, e tendo em conta a minha opinião pessoal aquela que mais se adequa ao que motivou a realização deste trabalho (Vasconcelos et al., 2009).

Segundo Bruner (1986), as crianças possuem quatro características congénitas, a curiosidade, a procura de competência, a reciprocidade e a narrativa que caracterizam o gosto de aprender (Vasconcelos et al., 2009).

O trabalho por projeto é uma forma de ensino/ aprendizagem que desenvolve a intelectualidade (*sensibilidade emocional, moral e estética*) não só das crianças, mas também dos educadores. Através deste método é dado ênfase ao papel do educador no que diz respeito às várias interações das crianças, atribuindo-lhes sempre um significado. Na metodologia de projeto e de forma a garantir a aprendizagem por parte das crianças, dá-se especial relevo à participação ativa das mesmas (Chard & Katz, 1997).

Um aspeto que deve ser tomado em consideração pelo educador é que o conteúdo abordado deve ser do interesse das crianças, por exemplo, algo que esteja relacionado com o seu dia-a-dia. As crianças colocam questões, resolvem problemas e procuram um sentido para o mundo que as rodeia, desenvolvendo de forma inata a capacidade de aprender.

De referir que através do trabalho de projeto estão implícitos conceitos como “*negociação*” e “*consenso*” (Bruner, 1986), imprescindíveis e fundamentais para trabalhar a zona de desenvolvimento proximal da criança (Vygotsky, 1978, cit. in A. L. C. Pereira, 2014).

Considera-se que o trabalho de projeto desenvolve em pleno as “*mentes em crescimento*”, à medida que estas se esforçam por compreender as suas experiências. É através deste método de trabalho que podem surgir questões, que se resolvem dificuldades e que se desenvolvem conhecimentos.

A referida metodologia intencionaliza, articula, globaliza e contextualiza práticas que potenciam importantes aprendizagens.

É fundamental que se tenha em conta que este método de trabalho é extremamente importante para as crianças, mas não só, também para a equipa educativa e para os pais.

“Cada projeto contém uma ideia sujeita a desenvolvimento. Quanto mais oportuna e interessante ela for, maior será o seu alcance.” (Lisboa, 1943, cit. in Vasconcelos et al., 2009, p. 9).

Nestas idades as crianças respondem prontamente às sugestões dadas pelos adultos, contribuindo para os trabalhos em grande grupo numa ânsia constante pela procura de novas coisas.

Seguindo a abordagem por projetos o educador pode incentivar as crianças a avaliarem a sua própria evolução em relação aquelas que são as suas capacidades. É através deste processo que as crianças se tornam responsáveis pelas suas próprias aprendizagens, uma vez que são parte ativa do mesmo, podendo recusar e julgar as decisões do adulto.

Trabalhar por projeto é assumir que as crianças já possuem determinadas capacidades ao nível do saber e que por isso devem ser incentivadas a aplicá-las nos diferentes contextos, até porque no trabalho de projeto as tarefas fazem por norma sentido para as próprias crianças. Para Chard e Katz (1997, p. 30) *“... as crianças são especialistas das suas próprias necessidades de aprendizagem.”*

O trabalho de projeto permite que as crianças façam escolhas aos mais variados níveis, sendo que cada uma delas tem diferentes implicações educacionais, em áreas cognitivas, estéticas, sociais, emocionais e morais.

Os aspetos práticos das escolhas das crianças têm a ver com o que fazer, quando, onde e com quem. Estas escolhas podem ser seguidas pelo educador de forma a existir, caso haja necessidade, uma negociação entre crianças e adultos.

Metodologias de trabalho ativas, construtivistas e que envolvem as crianças em investigações, como é o caso do trabalho de projeto, constituem um *“andaime”* (Vasconcelos et al., 2009) que ajuda no desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal e por isso fomentando uma preciosa ajuda no desenvolvimento da criança.

O trabalho por projeto, está relacionado com o conceito de agência, em que as crianças trabalham umas com as outras, e em que o educador orienta ou é apenas recurso para ajudar a colmatar as dificuldades que surjam na continuação dos seus projetos.

Acreditamos pois que o trabalho por projeto é uma metodologia que pode e deve ser usada na descoberta de novas culturas, envolvendo ativamente as crianças nas próprias fases do processo de investigação e partilha das informações recolhidas.

**PARTE 2 – ENQUADRAMENTO DA COMPONENTE PRÁTICA: PROJETO
VIAJAR PELO PORTUGAL DOS PEQUENITOS**

**PONTO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ONDE O PROJETO FOI
IMPLEMENTADO**

2. O jardim de Infância: aspetos organizacionais e opções metodológicas

2.1. Aspetos organizacionais

Este estabelecimento de Educação de Infância tem capacidade para 69 crianças em idade de jardim- de- infância (dos 3 aos 6 anos).

Existem três grupos e crianças, sendo o grupo dos 3/ 4 anos constituído por 22 crianças, o grupo dos 4/ 5/ 3 anos constituído por 23 crianças, e o grupo dos 5/4 anos por 24 crianças.

O espaço interior é constituído por três salas, funcionando estes espaços em sistema de ateliers (por onde as crianças vão passando ao longo do dia):

- **Sala das Cores:** vocacionada para atividades de expressão plástica, proporciona também jogos de construção, jogos de mesa, computadores, área da ciência e biblioteca;

- **Sala dos Cantinhos:** dividida em diferentes áreas de jogo simbólico e com jogos de mesa, jogos de construção e música;

- **Salão:** direcionado para atividades de motricidade e de grande grupo. Jogos de construção, jogos de mesa, biblioteca e música.

Neste contexto, a organização do espaço e dos materiais constitui uma prioridade para todos os Educadores de Infância, uma vez que os mesmos condicionam tanto as interações como as aprendizagens, pois na verdade oferecem o que as crianças podem fazer e aprender.

O espaço funciona através de um sistema rotativo de salas, sendo que cada grupo não tem uma sala própria. A rotatividade é expressa na programação semanal tendo em conta um calendário de utilização previamente fixado.

As educadoras, programam as atividades tendo em conta a sala que lhes é atribuída em cada dia e também segundo as possibilidades que cada espaço lhes oferece, havendo no entanto, flexibilidade e troca de materiais entre salas.

Cada sala está organizada com base em três grandes Áreas de Conteúdo definidas pelas OCEPE, embora de forma transversal e flexível:

- Área de Formação Pessoal e Social
- Área de Expressão/ Comunicação

- **Área de Conhecimento do Mundo**

Quando as atividades não são terminadas na sala em que são iniciadas, a educadora pode decidir em conjunto com as crianças terminá-las na sala para onde vão ou continuá-las se assim o entenderem, no dia seguinte, quando voltarem a ocupar a mesma sala.

Este intercâmbio e partilha constante favorecem a visão do jardim- de- infância como um todo, quer pelos adultos que ali trabalham, quer pelas crianças e pelos pais. Para o pessoal docente e não docente, esta é sem dúvida a grande vantagem do sistema rotativo de ateliers. Com esta forma de organizar o trabalho podemos afirmar que o isolamento é definitivamente quebrado e a cooperação torna-se a palavra de ordem.

2.2. Concepções Educativas

De acordo com o projeto educativo, o bem estar pode ser considerado um comportamento relacionado com a resiliência, autoestima, felicidade e alegria (Laevers, 2008). Estar bem consigo e com outros, permite que haja um maior predisposição para estímulos relacionados com novas experiências e descobertas. Quando a criança se encontra neste clima de bem-estar demonstra sentimentos positivos, sinais de satisfação e exprime prazer naquilo que faz e nas coisas que se envolve.

Neste sentido a instituição procura favorecer o desenvolvimento e formação equilibrada de todas as crianças, tendo sempre em conta a sua individualidade enquanto pessoa, com cultura própria e cidadão com direitos.

Por outro lado, procura oferecer um currículo culturalmente significativo e, por isso, relacionado com a vida real das crianças, empregando materiais da cultura e da história da criança para ilustrar princípios e conceitos, fazendo-a sentir-se incluída e valorizada.

A prática pedagógica, reflete uma perspetiva multicultural, determinada também pelo seu enquadramento arquitetónico, favorecendo o entendimento de outras culturas, através de experiências que promovam sentimentos positivos para com outras etnias e grupos culturais. Desta forma, a criança compreenderá as especificidades e

importância da sua cultura, bem como as especificidades e importância de outras culturas.

É fundamental reconhecer que a aprendizagem só é possível num ambiente onde o bem-estar físico e psíquico da criança se encontram devidamente assegurados e, por essa razão, tem como objetivo criar um ambiente saudável e agradável onde a criança goste de estar e onde possa estabelecer relações positivas com os seus pares e com os adultos. Segundo Laevers (1994), é nestes contextos que podemos observar elevados níveis de envolvimento com as crianças. O envolvimento é, como sabemos o estado mental ideal para que ocorra aprendizagem. Quando uma criança está envolvida, é mais provável que esteja a aprender algo relacionado com a área de competência da atividade que está a desenvolver.

Nesse sentido, as pedagogias adotadas são sempre ativas e centradas na criança. Desse modo, e tendo como referência o quadro metodológico das pedagogias ativas, as metodologias utilizadas são as decorrentes da Pedagogia de Projeto e da Pedagogia por Temas de Vida.

Consta ainda no referido projeto educativo que as práticas instituídas se inspiram na teoria de Piaget, de que é exemplo o currículo High Scope, e que é uma grande referência não só para a instituição, mas para tantos centros educacionais. Este currículo defende que deve existir «uma construção progressiva de conhecimento sobre a educação pré-escolar através da ação e da reflexão sobre a ação, a vários níveis: o da criança, o do educador, o do investigador e o de todos estes na construção da ação educativa.» (A. M. F. Pereira, 2014, p. 25).

Piaget permite uma proposta curricular inovadora, baseada no seu interesse pelo pensamento da criança e em dar ênfase à aprendizagem através da descoberta. Os componentes fundamentais da aprendizagem ativa são a ação direta sobre os objetos, a reflexão sobre as ações, a motivação intrínseca e o espírito de experimentação.

Outras das referências do trabalho desenvolvido é a perspetiva ecológica em educação de Bronfenbrenner (1977).

De acordo, com Bronfenbrenner, o desenvolvimento humano é afetado por várias razões ecológicas e múltiplos aspetos e a diversos níveis, desde variáveis que afetam o indivíduo/ criança diretamente nas suas interações diárias até variáveis com efeitos mais indiretos, como o funcionamento das instituições, os valores sociais e

culturais, as crenças e atitudes. Quer a família, quer o contexto de educação Pré-escolar assumem por isso particular importância na educação da criança.

2.3. Opções metodológicas

De acordo com o Projeto Educativo, a pedagogia utilizada centra-se na abordagem do projeto, o currículo é totalmente centrado na criança, no adulto e no contexto de forma integradora, de acordo com os diversos níveis de desenvolvimento da criança.

O ensino e aprendizagem foca-se na relevância da participação ativa das crianças, à interação com os outros, com o meio, e com os objetos para que as experiências e aprendizagem tenham um significado ainda mais pessoal.

A característica implícita na metodologia de projeto está relacionada com a sua construção progressiva implicando um processo participativo de partilha de poder e de decisão conjunta na procura de novos saberes.

Através da aquisição de novas informações, significados e contextos sobre o meio envolvente, pretende-se que a criança adquira uma aprendizagem mais específica relacionando as partes com todo, adquirindo assim novas competências.

A criança desenvolve a capacidade de imaginar, questionar, presumir, pesquisar, manusear instrumentos, explicar fenómenos, trabalhar em equipa e cooperar.

Durante o projeto é importante que as crianças se questionem: o que fazer?, quando?, onde?, como?, e com quem?, desenvolvendo a curiosidade e o espírito crítico, fundamentais a qualquer futuro adulto.

Ao longo do ano desencadeiam-se vários projetos/ miniprojectos, que implicam a participação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa, planificação e intervenção, com a finalidade de responder a problemas do interesse do grupo.

Os projetos são apresentados sob a forma de rede de tópicos, e de forma a melhor informar os pais, usando planificações diárias.

Independentemente de como a planificação é apresentada, incluiu sempre atividades no âmbito das áreas de conteúdo, explícitas nas OCEPE, que respeitam os

próprios tempos da criança e os diferentes modos de organização dos grupos proporcionando oportunidades de trabalho (em pequeno grupo, grande grupo, individualmente e em pares) (Costa, 2016).

O projeto e o seu desenrolar tem sempre em conta a curiosidade natural da criança, a sua iniciativa e o seu desejo em saber mais, e em aprender. O brincar livre e exploratório será a linguagem elementar a ter em conta, como defende Vigotsky (1999) “o ofício da criança” (Simões, 2015).

3. O Grupo de Crianças

3.1. Composição e características principais

O grupo da “Sala Vermelha” é constituído por 22 crianças, 16 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade.

À exceção de 3 crianças, todas as outras frequentaram a instituição desde o ano letivo anterior, destas três, duas estavam em outras instituições de ensino e uma delas em casa com a mãe.

As crianças são assíduas mas pouco pontuais o que gera alguma instabilidade no grupo. Este é um ponto bastante negativo uma vez que as crianças perdem a parte do acolhimento, da marcação das várias tabelas (presença, tempo), mas mais importante, perdem o momento de planeamento do dia o que faz com que quando chegam os restantes colegas já estejam envolvidos nas atividades.

O grupo é descrito pelos adultos responsáveis pela sala como amigo, companheiro, comunicativo, alegre e vivo. Os laços de amizade são fortes, sabem uns nomes uns dos outros, bem como de toda a comunidade educativa. Apesar de todos se darem bem e brincarem juntos, em algumas situações as crianças já mostram preferências na escolha dos seus pares.

O espaço exterior é um dos espaços de eleição das crianças uma vez que podem brincar livremente, no espaço interior as brincadeiras de eleição têm a ver com o brincar nos cantinhos (simbólico) e brincar com os jogos. São crianças que se interessam pelas atividades propostas, o que á partida constituiu um fator bastante

positivo para o desenvolvimento dos projeto que passamos a apresentar no ponto seguinte.

PONTO 3 - O PROJETO “VIAJAR PELO PORTUGAL DOS PEQUENITOS”

O projeto “Viajar pelo Portugal dos Pequenitos” iniciou-se no mês de Maio de 2018 e terminou em Julho do mesmo ano.

Dentro do projeto “Viajar pelo Portugal dos Pequenitos”, realizamos dois “mini projetos”, um sobre São Tomé e outro sobre a Índia. Para a apresentação dos mesmos usamos as quatro fases descritas por Teresa Vasconcelos (2012): definição do problema, planificação e lançamento do projeto, execução e avaliação e divulgação. A fase I foi comum aos dois miniprojectos, sendo as outras três fases específicas a cada um deles (Pereira, 2014). Mas, antes de passarmos á apresentação dos projetos gostaríamos de justificar a nossa opção para o tema da multiculturalidade.

Motivações para o projeto

A vontade de abordar este tema surgiu quando, em 2017, realizamos um voluntariado de um mês em São Tomé, e deparamo-nos com algumas dificuldades e interrogações ao nível da educação de infância. Se eu, que tinha ido de Portugal para São Tomé, senti dificuldades, o mesmo acontecia com as pessoas e sobretudo com as crianças que vinham de São Tomé para o nosso país. Apesar de falarmos a mesma língua, a comunicação inicial foi difícil, apesar de serem crianças, não gostavam das mesmas coisas que as crianças da mesma idade do nosso país gostavam, não eram estimuladas da mesma forma, não brincavam da mesma maneira, nem sorriam ou choravam pelos mesmos motivos.

Esta foi uma das experiências pessoais que mais me marcou enquanto futura educadora de infância, uma vez que de certa forma passei a valorizar mais as diversas culturas existentes, bem como a importância da ambientação das pessoas e sobretudo das crianças quando mudam de país.

Posteriormente, enquanto estagiária, deparei-me com a existência de quatro nacionalidades diferentes no grupo de crianças onde me encontrava a desenvolver a minha prática do mestrado em educação pré-escolar, ou seja, apesar das crianças terem nascido em Portugal, pelo menos um dos pais tinha outra nacionalidade: Brasileira (2 pais e 1 mãe), Moldava (1 mãe), Romena (1 pai e 1 mãe) e Suíça (1 mãe). No entanto, e para além desta diversidade cultural nas famílias, em momento algum vi serem

preparadas atividades que preparassem as crianças para respeitarem a diferença cultural existente.

Este facto alertou-me exatamente para isso, para a necessidade de preparar atividades diversificadas em que todas as crianças pudessem participar e sobretudo em que todas se sentissem envolvidas de igual forma no que lhes era proposto, como é visível na descrição das diferentes fases dos projetos desenvolvidos.

Fase I: Definição do Problema

De maneira a iniciar os projetos e motivar as crianças, pedi-lhes que em casa procurassem uma história que nos falasse sobre viagens ou sobre os vários países do mundo.

No dia seguinte, uma das crianças trouxe o livro “O lobo que queria dar a volta ao mundo” de Grianne Lallemand, e comecei a abordagem do tema contando a história.

Foi extremamente importante que as crianças se sentissem entusiasmadas com o projeto o que aconteceu logo que lhes pedi que trouxessem o livro. Posteriormente e depois de lhes ter contado a história a motivação e interesse pelo tema foram surgindo de forma espontânea, ao ponto de se conseguir estabelecer com as crianças um diálogo que constituiu uma base para o desenrolar do projeto, partilhar informações, recolher ideias e perspetivar experiências.

Como objetivo geral, este projeto pretendia explorar os diferentes tipos de cultura de forma a dar a conhecer às crianças as diferentes culturas e etnias. Pretendia ainda, de forma mais específica:

* Sensibilizar as crianças para o respeito de culturas diferentes;

* Explorar as características de um país do Continente Africano (escolhido pela estagiária por ser uma realidade onde esteve) - São Tomé:

- Gastronomia
- Bandeira
- Língua
- Habitação
- Vestuário
- Artesanato

* Explorar um país escolhido pelas crianças através de votação – Índia, com ênfase nos seguintes aspetos:

- Lendas
- Especiarias
- Dança
- Símbolos do país: Bindi, Hamsa e Elefante
- Música

Inicialmente, e como este era um tema novo para as crianças, surgiram as primeiras questões e as primeiras partilhas entre o grupo acerca do tema que se pretendia abordar ao longo do projeto.

Apresentamos, imediatamente a seguir, os dois mini projetos: o primeiro sobre São Tomé e o segundo sobre a Índia.

3.1. Mini projeto sobre São Tomé

Fase II: Planificação e Lançamento do Projeto

Depois de ouvirem a história, “O lobo que queria dar a volta ao mundo” de Griante Lallemand, as crianças começaram a estabelecer as primeiras relações com o tema, das viagens tendo as crianças referido:

- * O lobo queria ir viajar a outros países;
- * O lobo foi tomar chá com a rainha;
- * O lobo escreveu postais;
- * O lobo convidou os amigos para jantar quando chegou a casa da viagem;
- * A Mulher das Neves estava sempre a perseguir o lobo;
- * A Mulher das Neves não comeu o lobo por ele ser querido;
- * Já fui a Cabo Verde, o meu irmão ao Bali, Inglaterra, Espanha e Alemanha;
- * Já viajei para o Rio de Janeiro (Recife) e para a Alemanha;
- * Já fui à Inglaterra;
- * Já fui à Roménia;
- * Já fui à Tunísia.

Depois da história apresentamos o vídeo clip da música Bômu Kele dos Calema (anexo 1), que serviu de indutor para o mini projeto sobre São Tomé.



Figura1:Audição e visualização do vídeoclip da música "Bômu Kele" dos Calema

Assim, uma das primeiras constatações das crianças foi associarem que o país de que falava a música (anexo 1) era o mesmo país do menino de raça negra da sala, quando os questionámos porque diziam isso, obtivemos as seguintes respostas:

- “Porque todos são castanhos como o Ivo.”
- “O ----- tem o nariz achatado.”
- “O cabelo dele é mais áspero.”

Após estas partilhas, começamos a investigar São Tomé, tendo em conta as dúvidas, os interesses e curiosidades das crianças, sendo que para mim era fundamental que elas se sentissem implicadas no projeto.

Posteriormente, registamos aquilo que as crianças gostariam de saber em relação ao país que pretendemos abordar com este projeto, tendo elas apontado os aspetos que apresentamos na figura 2.

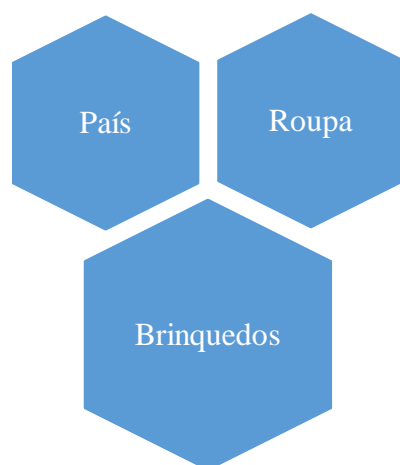


Figura 2: Aspetos que as crianças inicialmente queriam abordar/pesquisar

Fase III: Execução

Na fase de desenvolvimento do projeto, é essencial que o educador permita que a criança tenha uma participação ativa ao longo do desenrolar do mesmo permitindo que esta coloque em prática capacidades e conhecimentos que já possui.

Permitir que a criança observe, comunique, proponha, interaja e sobretudo seja escutada, dando-lhe voz são linhas orientadoras muito fortes e que tentei sempre seguir.

Assim, imediatamente abaixo, apresentamos um quadro que ilustra o percurso desenvolvido em termos cronológicos:

<i>24 de Maio de 2018</i>	Realização do percurso desde a Casa da Criança ao Pavilhão de São Tomé (Portugal dos Pequenitos) _ Exposição gastronómica e Exposição de Artesanato (degustação e exploração); Visualização de um filme sobre São Tomé;
<i>25, 28 e 29 de Maio de 2018</i>	Pintura dos ímanes pelas crianças para posteriormente lhes serem entregues;
<i>30 de Maio de 2018</i>	Entrega dos ímanes e postais de São Tomé (ao som da música Bomu Kêlê – Anexo 1);

Na terceira fase desenvolveu-se grande parte do projeto, sendo também que foi nesta fase que se responderam às dúvidas, interesses e curiosidades anteriormente expostos. Para além do que foi falado durante a fase da planificação, foram surgindo outros interesses aos quais tentei sempre dar resposta ao longo da fase de execução e que se encontram adicionadas na figura 3.



Figura 3: Aspectos adicionais que as crianças quiseram abordar/pesquisar

Apesar de anteriormente ter percebido que as crianças não reconheciam São Tomé como país, depois de verem o vídeo clip da música facilmente associaram o país ao continente Africano.

Para identificar o percurso que as crianças deveriam seguir usei bandeiras do país colocadas em locais estratégicos. Apesar de o tempo não estar muito favorável e de a viagem ter sido feita com guardas- chuva as crianças aderiram bastante bem e não se coibiram de procurar as bandeiras e de seguir as “pistas” tal como lhes tinha pedido para fazer.

Ao longo do projeto, as crianças descobriram que para visitar aquele país teriam de ir de avião ou de barco, mas pediram-me para utilizar o foguetão construído num projeto anterior. Inicialmente fiquei um pouco apreensiva, mas depois conclui que não era prejudicial às crianças levarem o foguetão para a viagem a São Tomé. Primeiro, porque de certa forma demonstra a importância do projeto realizado anteriormente, e depois porque acredito que este elemento irá garantir uma maior envolvimento e até sensação de segurança por parte das crianças.



Figura 4: Viagem de foguetão até ao pavilhão de São Tomé

Inevitavelmente surgiram comparações entre Portugal e São Tomé / Continente Africano, e foi fantástico perceber que através da visualização do vídeo as crianças conseguiram captar aspetos específicos daquela realidade, como por exemplo: “Como os meninos de África são muito pobres constroem os seus próprios brinquedos.”

Um dos momentos mais marcantes foi quando as crianças visualizaram o filme que realizei com fotografias e vídeos, para ir ao encontro dos aspetos que as crianças mencionaram querer abordar. Pude então constatar uma enorme envolvência por parte das crianças, bem como comentários que foram fazendo e que demonstraram a vontade de aprender e descobrir mais sobre o país em questão: São Tomé.



Figura 5: Visualização do filme sobre São Tomé

Posteriormente, e porque considero fundamental que as crianças toquem e explorem livremente, foi preparada uma exposição com gastronomia e artesanato, que considero ter sido fundamental para as crianças.



Figura 6:Exposição de artesanato e gastronomia

Por exemplo, a nível da gastronomia e tendo em conta que os alimentos (banana frita, cacau, manga, papaia, coco, tamarindos, crack de coco, doce de coco e chocolate) para além de um aspeto diferente, têm também um sabor diferente foi muito bom ver que estas crianças têm uma enorme predisposição para experimentar coisas novas. Um dos receios que tinha era que quando as crianças provassem algo que não gostavam se recusassem a continuar a experimentar, mas tal não se verificou, e as crianças levaram a degustação até ao fim.

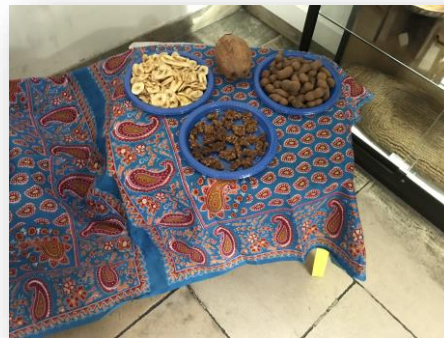


Figura 7: Gastronomia Santomense

Em relação ao artesanato apresentado, e tendo em conta que algumas das peças eram instrumentos musicais as crianças demonstraram desde logo um enorme interesse em manipular os mesmos, nomeadamente o jambé, maracas e pau de chuva.



Figura 8: Degustação

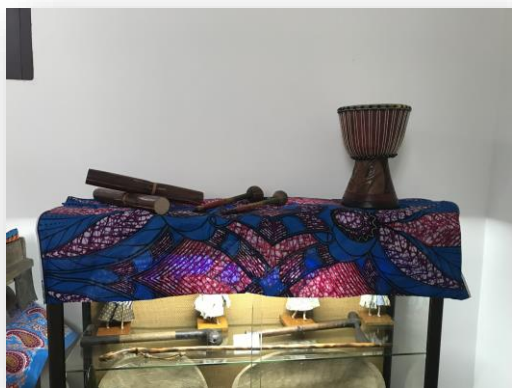


Figura 9: Instrumentos musicais



Figura 10: Exploração dos instrumentos musicais

Fase IV: Avaliação e Divulgação

O facto de termos realizado a atividade no pavilhão de São Tomé, que se encontra no Portugal dos Pequenitos, acabou por limitar um pouco as crianças, uma vez que o espaço era muito reduzido, nomeadamente na manipulação dos instrumentos musicais. No entanto, devemos ressaltar que o comportamento do grupo foi sempre exemplar e com uma enorme demonstração de interesse e implicação.

A avaliação é uma das partes fundamentais do projeto, uma vez que em fase de conclusão pretendemos resumir aquilo que as crianças aprenderam.

O objetivo era que de alguma forma as crianças pudessem partilhar aquilo que aprenderam ao longo da realização do projeto, pois considero que dessa forma a minha perspetiva sobre a sua aprendizagem será mais real.

Como forma de avaliar o projeto, e sobretudo aquilo que as crianças sabiam, e o que ficaram a saber, foram realizadas entrevistas individuais, em Junho, que gravamos e que se revelaram fundamentais para perceber ainda mais o nível de envolvimento, que sem dúvida superou e muito as minhas expectativas.

As crianças foram capazes de diferenciar aquilo que já sabiam, daquilo que aprenderam, aquilo que gostaram mais e isso demonstra na perfeição o grau de implicação de cada um deles.

Como forma de concluir, as crianças foram convidadas a escolher um fruto de madeira, que pintaram a gosto e onde posteriormente coloquei um íman. É fundamental que as crianças tenham uma participação ativa, que construam algo, que possam colocar a sua identidade naquilo que constroem, é isso que faz delas crianças mais disponíveis para participar naquilo que lhes propomos. Mais tarde as crianças levaram o íman e um postal do país para casa, uma espécie de recordação desta viagem.

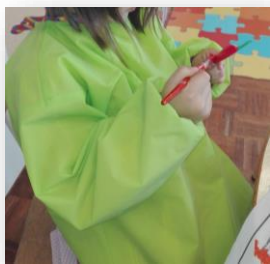


Figura 11: Pintura do íman



Figura 12: Entrega do íman e do postal

Com base nas respostas, pudemos elaborar a tabela abaixo que ilustra o que as crianças já sabiam, antes de iniciar o projeto, o que ficaram a saber depois do projeto e o que mais gostaram:

O que já sabiam	Aquilo que aprenderam	Aquilo que mais gostaram
Reconheceram São Tomé como um país do Continente Africano;	As cores da bandeira de São Tomé e Príncipe: Amarelo, Verde, Vermelho e duas estrelas pretas que representam as ilhas (uma de São Tomé e outra de Príncipe);	Gostaram de comer as frutas (cacau, banana frita, manga, coco, papaia);
Que os habitantes tinham características físicas específicas;	As crianças Santomenses fazem as coisas, não as compram;	Viram um carrinho de madeira feito pelas crianças;
	As crianças constroem os próprios brinquedos;	
	Aprenderam que o chocolate era feito de cacau;	Provaram chocolate muito bom;
	Conheceram um fruto que se chamava coco;	Gostaram de receber o íman para decorar o frigorífico;
	Conheceram os vários instrumentos musicais de São Tomé;	Gostaram do filme que vimos sobre São Tomé;
	Aprenderam que apesar de um dos meninos ter ido de foguetão na nossa viagem, só se pode visitar este país de avião ou barco;	Gostaram de quando seguimos as bandeiras para irmos até São Tomé;
	As pessoas têm tons de pele diferentes;	Gostaram de tocar bombo (jambé);
	Identificam a música de São Tomé;	Provaram bolachas de São Tomé;
	Sabem que São Tomé é um país;	

3.2. O mini projeto sobre a Índia

Fase II: Planificação e Lançamento do Projeto

Um dos objetivos da segunda parte do projeto era que as crianças pudessem através da pedagogia da participação, escolher outro país que gostassem de explorar.

De maneira a proporcionar esta nova viagem, e como mote para escolherem o destino, as crianças realizaram uma visita ao Portugal dos Pequenitos, onde se encontram representados alguns países do mundo, tendo visitado diversos pavilhões.

Foi explicado às crianças que não estavam representados no Portugal dos Pequenitos todos os países do mundo, e que por isso podiam escolher um país que não estivesse lá representado. O objetivo era permitir que as crianças exprimissem os seus conhecimentos, preferências e curiosidades acerca de países do mundo que conhecem.

Dos países representados no Portugal dos Pequenitos as crianças, num processo de votação, manifestaram a sua preferência.

Realizamos então a votação e obtivemos os seguintes resultados:

- Cabo Verde (3)
- Brasil (1)
- Índia (7)
- Timor (1)
- Açores (2)
- Madeira (3)

De frisar que este sistema já tinha sido usado noutras situações e as crianças entendem-no bastante bem. Antes de realizarmos a votação explicamos às crianças que exploraríamos o país mais votado.

Apesar de a escolha do país vencedor não ser unanime, foi notório o entusiasmo de todas as crianças em relação à realização de uma nova viagem.

Fase III: Execução

Nesta fase III foram realizadas várias atividades, o cronograma abaixo, permite associar as datas às atividades desenvolvidas.

<i>2 de Julho de 2018</i>	Pintura do Bindi (tradicional pontinho vermelho na testa com conotação religiosa ou social) em cada criança; Visita ao pavilhão da Índia, devidamente caracterizado; Audição da lenda Indiana: “A lebre na lua”; Visualização de um vídeo alusivo à Índia.
<i>4, 5 e 6 de Julho de 2018</i>	Recorrendo à forma de um elefante e de uma hamsa (elementos indianos) e utilizando especiarias indianas as crianças realizam uma colagem.

Como no projeto anterior, foi nesta fase que se desenrolou a maior parte do projeto, e tal como já tinha acontecido as crianças puderam expor dúvidas e curiosidades, e sobretudo demonstrar um enorme interesse na realização desta nova viagem. As expectativas eram altas não só por parte das crianças, mas também da equipa educativa, o que incentivou e motivou ainda mais em relação ao projeto que estávamos a desenvolver.

Começamos as atividades por marcar o Bindi (com tinta) na testa de todas as crianças, permitindo que cada uma delas escolhesse a cor que mais gostava, uma vez o Bindi pode assumir qualquer cor, e isso foi previamente explicado às crianças.

Preparamos desta forma as crianças para a viagem que iam iniciar, com um símbolo extremamente importante para os indianos.

Sáímos da sala e fizemos o percurso pelo Portugal dos Pequenitos até chegarmos ao Pavilhão da Índia que estava adornado de forma a proporcionar um ambiente mais acolhedor e adequado ao tema e ao país. Ao contrário do pavilhão de São Tomé, este tinha dimensões mais do que suficientes para acolher o grupo de crianças, uma vez que muitas das crianças já se encontravam de férias nesta data.



Figura 13: Decoração pavilhão da Índia

Chegadas ao pavilhão que representava a Índia as crianças começaram a ter contato com alguns aspetos típicos do país, tais como, os incensos e a música.

Entretanto, e depois de envolvidas por aquele espírito típico indiano, as crianças sentaram-se numa manta, onde escutaram uma lenda intitulada “A lebre na lua” (anexo 2).

Escolheu-se esta lenda (anexo2), que apesar de à primeira vista parecer complexa, depois de desconstruída transmite às crianças valores que considero fundamentais para os formar enquanto adultos. Por outro lado, consideramos que aquilo que torna a lenda mais complexa, não é de todo superior à incrível mensagem que transmite às crianças que a escutam.

Para finalizar o momento no Pavilhão da Índia, as crianças visualizaram um vídeo onde estava explicado através de imagens o significado do Bindi, da Hamsa e do Elefante. Também desta vez o vídeo foi realizado por mim, as imagens retiradas da internet e as explicações gravadas por mim depois de efetuadas várias pesquisas.

Por último, e durante cerca de três dias e optando pela forma do Elefante ou da Hamsa, as crianças realizaram uma colagem num destes símbolos recorrendo a especiarias típicas do país. Esta atividade revelou-se extremamente importante para que o grupo de crianças se implicasse ainda mais no projeto uma vez que elas puderam construir algo, ser “autoras de si próprias”.



Figura 14: Realização de colagem

Fase IV: Avaliação e Divulgação

Como forma de disseminar o projeto, e sobretudo pondo em prática algumas das coisas que tínhamos aprendido com a nossa visita à Índia, decidimos construir a coreografia de uma dança Indiana.

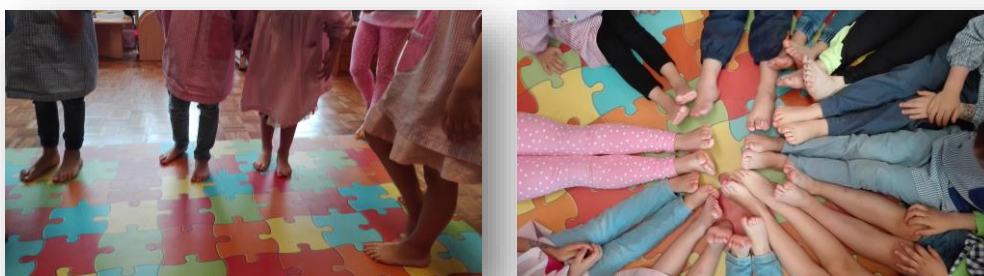


Figura 15: Coreografia Bolliwood

Como este foi um dos pedidos das crianças, assim que o viram ser realizado mostraram desde logo um interesse e um empenho enormes ao longo da realização desta atividade. Foi fascinante perceber a implicação das crianças e os momentos de diversão que se proporcionaram.

Uma das coisas que considero mais negativa neste segundo projeto, foi o facto de nesta fase já termos tido poucas crianças no Jardim de Infância, portanto, nem todas puderam usufruir do mesmo.

O que já sabiam	Aquilo que aprenderam	Aquilo que mais gostaram
Sabiam que um dos meninos da sala já tinha visitado esse país;	Aprenderam que a Hamsa e o Elefante são símbolos do país;	Gostaram de realizar a colagem;
A Índia é muito longe;	A Índia é um país com muitas especiarias;	Demonstraram interesse na realização da coreografia;
Na Índia existem vacas no meio da estrada;	O Bindi é a marca que os Indianos têm na testa;	
As pessoas na Índia andam em cima dos elefantes.	Depois da nossa viagem à Índia, e por ter falado do assunto em casa, um dos meninos descobriu que os avós eram Indianos.	Gostaram de pintar o Bindi na testa.
	Reconhecem música Indiana;	
	Aprenderam uma Lenda da Índia (anexo 2).	

Em relação a este país, senti que o desafio foi grande para mim por não o conhecer tão bem este como o país anterior. No entanto, acho que foi extremamente positivo em termos de conhecimento relativo a esta cultura, para as crianças, para mim e mesmo para toda a equipa educativa.

Enquanto futura profissional, considero fundamental que o educador se desafie constantemente, de maneira a que posso estar sempre atualizado e sobretudo que posso proporcionar momentos enriquecedores às crianças da sua sala, este é sem dúvida um dos temas que lhe permite isso mesmo.

REFLEXÃO FINAL

O ambiente escolar é cada vez mais um espaço cheio de simbolismo cultural marcado pela diversidade de pessoas que ali se encontram diariamente. É por isso fundamental e urgente que a comunidade esteja disponível para trabalhar com as diferenças existentes.

Segundo, Gabriel (2005), cultura é um conjunto de características de que todos os membros partilham, podendo ser reivindicadas como verdadeiras e genuínas. É por isso, importante perceber que a cultura é como que a identidade das pessoas, por vezes, são um conjunto de símbolos que dão significado às suas vidas. Os membros da comunidade escolar devem por isso valorizar o papel da escola, potenciando-a como um espaço privilegiado de produção de identidades e diferenças (F. G. Nunes, 2011).

Este trabalho revelou-se de extrema importância, uma vez que despertou em nós a profundidade das questões da multiculturalidade no jardim-de-infância. Consideramos urgente e fundamental que a educação se centre na diversidade de culturas com que somos confrontados diariamente, pois através delas é possível fazer da escola um lugar de todos e para todos, onde as crianças aprendem a confraternizar com crianças diferentes, com valores diferentes, fazendo assim “deste mundo uma casa para todos”.

O enquadramento teórico foi extremamente enriquecedor; as inúmeras leituras e pesquisas permitiram-me clarificar conceitos, compreender a importância desta temática na educação pré-escolar e aprofundar aspetos relacionados com papel do educador de infância.

Por outro lado, o trabalho por projeto, revelou-se uma excelente metodologia, tendo desenvolvido e estimulado os processos de auto-aprendizagem e autonomia e valorizado as atitudes colaborativas das crianças. A autonomia da criança deve ser estimulada desde cedo, fazendo-a sentir responsável por decisões importantes, tais como: o que fazer, quando, onde e com quem.

Uma vez que, cada vez mais se fala da importância da relação escola- família, considero que este tema pode ser um excelente mote para proporcionar essa mesma interação, proporcionando uma boa integração da criança mas também da sua família.

“Agir cedo para ter melhores resultados no futuro é garantir uma sociedade em que todos têm as mesmas oportunidades, potenciando que, através da educação, tenhamos uma sociedade mais justa e mais coesa.” (Silva et al., 2016, p. 4).

Para além das crianças terem tido uma abordagem a duas culturas diferentes, puderam experienciar e vivenciar outras culturas, com as atividades que realizamos, e perceber que a diferença pode ser extremamente positiva e fonte de aprendizagem.

Mais do que contabilizar aquilo que elas aprenderam ao longo da implementação dos projetos, consideramos que objetivo era sensibilizá-las para a diversidade cultural, e de certa forma prepará-los para serem crianças e futuros adultos capazes de lidar com essa diferença. Por isso, mesmo que as crianças possam esquecer o que aprenderam em relação aos dois países abordados nestes projetos (São Tomé e Índia), acreditamos que não irão esquecer o que vivenciaram. Crianças informadas, serão certamente adultos mais tolerantes. No entanto, importa aqui realçar que o desenvolvimento destes dois projetos é apenas o começo de algo, o abrir portas para, que deve ser continuado.

Existem famílias com outras nacionalidades no jardim de Infância onde fizemos o estágio, cujas culturas podem e devem ser valorizadas através do seu testemunho e envolvimento nas atividades diárias do Jardim de Infância. Finalmente, importa referir que o contexto de estágio, nomeadamente o seu enquadramento arquitetónico, favoreceu o entendimento das culturas abordadas e sentimentos positivos para com outras etnias e grupos culturais, bem como as especificidades e importância de outras culturas.

Promover uma educação mais multicultural promoverá uma maior harmonia entre a integração e o enraizamento na cultura de origem, ambos fundamentais para qualquer ser humano que passe por um processo de mudança cultural. É por isso que, é fundamental que se valorize a enorme variedade de culturas existentes na nossa sociedade, preparando os educadores e as crianças desde cedo para lidar com as diferenças culturais.

BIBLIOGRAFIA

- Bronfenbrenner, U. (1977). *Toward an experimental ecology of human development*.
- Bruner, J. (1986). *Actual Minds, Possible Worlds*.
- Canen, A., & Moreira, A. F. B. (1999). Reflexões sobre o Multiculturalismo na Escola e na Formação Docente.
- Chard, S., & Katz, L. (1997). *Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cortesão, L., & Pacheco, N. A. (1991). “Interculturalismo e realidade portuguesa,” 4.
- Costa, J. (2016). Enquadramento Geral: Organização do Ambiente Educativo. Retrieved from <http://www.dge.mec.pt/ocepe/node/26>
- Fernandes, J., & Aroso, S. (2009). Avaliação em Creche: As Concepções dos Educadores sobre Avaliação, 2–39.
- Ferret, N. S. C. (2015). Conceção e Desenvolvimento de um Guia de Recomendações Interculturais.
- Freitas, E. C., & Ferreira, P. C. F. (2014). Interculturalidade e Multiculturalismo: A Construção de um caminho para a coexistência dialogante de duas culturas minoritárias (Quilombolas e Pomeranos) no Estado do Espírito Santo.
- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 aos 3: O Atendimento em Creche*. Porto Alegre: Artmed Editores.
- Laevers, F. (1994). The Leuven Involvement Scale for Young Children LIS-YC. Manual and video tape, Experiential Education Series.
- Laevers, F. (2008). À conversa com Ferré Laevers. *Cadernos de Educação de Infância*.
- Leite, E., Malpique, M., & Santos, M. R. (1989). “Trabalho de Projecto I - Aprendendo por projetos centrados em problemas.”
- Lopes, A. M. D. (2012). Da coexistência à convivência com o outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade, 67–81.
- Matos, A. R., & Brito, R. (2013). *A Abordagem da Multiculturalidade em Educação Pré-Escolar*.

- Nunes, F. G. (2011). Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme “Entre os muros da escola,” 111–130.
- Pereira, A. L. C. (2014). O Trabalho de Projeto e aprendizagens em Educação Pré-Escolar, 1–100.
- Pereira, A. M. F. (2014). O Contributo das Rotinas Diárias para o Desenvolvimento da Autonomia das Crianças.
- Pós-Graduando. (2012). Tudo sobre a Pós-Graduação Logotipo. Retrieved from <https://posgraduando.com/frases-celebres-para-monografias-dissertacoes-e-teses/>
- Rodrigues, P. C. R. (2013). Multiculturalismo – A diversidade cultural na Escola.
- Santos, B. de S., & Nunes, J. A. (2014). Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade.
- Santos, P., Portugal, G., Libório, O., Figueiredo, A., Abrantes, N., Silva, C., & Góis, S. (2011). Um sistema de acompanhamento das crianças (SAC) em jardim-de-infância – Uma via para a diferenciação pedagógica e inclusão.
- Segurado, A. M. Á. (2013). “A Multiculturalidade na educação pré-escolar. Estratégias de integração.”
- Silva, I. L. da, Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE)*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Simões, A. I. de S. C. (2015). O Papel do Educador de Infância no Brincar da Criança. Retrieved from <https://posgraduando.com/frases-celebres-para-monografias-dissertacoes-e-teses/>
- Souta, L. (1997). *Multiculturalidade & Educação*. Profedições, Lda.
- Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J. de, Menau, J., Sousa, O., ... Alves, S. (2009). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência.

ANEXOS

Anexo 1: Letra da Música “Bomu Kêlê” dos Calema

Encontramo-nos no meio do
mar
Duas ilhas que formam um
país
Tudo o que precisamos está lá
É só acreditarmos e seguir
Vamos dar as mãos num só
coração
Bomu kêlê ni scola, ni tlabá
E ni tudu kuá cu nom ca pô fé
Vamos conseguir pois vamos
ver
São Tomé e Príncipe a
desenvolver
Cu tudu fôça nom cu cloçon
nom
Bomu kêlê ni scola, ni tlabá
E ni tudu kuá cu nom ca pô fé
Iné manu nom cu iné mana
nom
Bomu kêlê ni kuá cu nom tê
Nom tê cacau, nom tê baná
Nom tê côcô, nom tê vadô-
panha
Nom tê téla, nom tê awá êêê
Côcôndja fluta e café
Piá kwá cu nom ca pô fé
Cu tudu kuá cé ni téla nom
Eh ah, eh eh, eh ah
Eh eh, eh ah, eh eh eh iii
Vamos conseguir pois vamos
ver
São Tomé e Príncipe a
desenvolver
Cu tudu fôça nom cu cloçon
nom
Bomu kêlê ni scola, ni tlabá
E ni tudu kuá cu nom ca pô fé

Anexo 2: Resumo da lenda

A lenda falava de quatro animais amigos, que se juntam e falam de como devem agir no dia de lua cheia, com jejum e meditação, não precisando por isso de alimentos para si, mas que deviam partir em busca de alimento para dar a quem necessita. Todos procuraram alimentos, à exceção da lebre que tinha passado o dia a meditar, e garantiu para consigo que se alguém precisasse se ofereceria para alimento. Observando esta nobre atitude os Deuses enviaram um Deus disfarçado que pediu alimentos a todos os animais, que prontamente se disponibilizaram a entregar-lhos, e a quem o Deus prometeu voltar.

Por último, foi ter com a lebre e pediu-lhe o mesmo, a lebre como já havia garantido e com o intuito de oferecer o seu próprio corpo, pediu ao Deus que preparasse uma boa fogueira que providenciaria a carne. Assim, que a fogueira ficou pronta, a lebre atirou-se à fogueira, mas o fogo não queimava a lebre.

Quando questionado pela lebre, o Deus Sakra disse-lhe que a sua nobre atitude merecia ser reconhecida e vista por todos os homens e que, por isso, sempre que aparecesse a lua cheia, apareceria nela imagem de uma lebre, para fazer lembrar os homens de que “quem dá uma esmola deve dá-la de todo o coração”.

“O aprendiz é um mestre em formação.”

Fernanda Simões Rodrigues